

Uma mirada coletiva sobre a função da arte

Por Julia Guimarães¹

O dispositivo é tão simples quanto eficaz. A cada cidade por onde passa, a performer franco-brasileira Tania Alice ocupa o espaço público com duas cadeiras, dispostas frente a frente. Sentada em uma delas, carrega no colo a placa onde se lê: “ensine-me a fazer arte”. Após colher depoimentos sobre qual deveria ser a função do artista no mundo contemporâneo, a criadora, radicada no Rio de Janeiro, partilha posteriormente as respostas com o público e brinca de traduzi-las cenicamente, na companhia do performer Rodrigo Maia. Nesse jogo, propõe leituras inusitadas e bem-humoradas às reflexões sobre o que a arte deveria ser.

É a partir dessa estrutura que se constrói a performance “Ensine-me a fazer arte”, apresentada como um díptico nesta 33ª edição do Festivale. Enquanto a primeira parte, centrada no diálogo com desconhecidos no espaço público, foi realizada em frente ao Museu de Arte Sacra na última sexta-feira (7), a segunda, voltada para o diálogo performativo com as respostas selecionadas, ocorreu no Centro de Estudos Teatrais (CET), no sábado (8).

A partir da colagem desses depoimentos, colhidos desde 2017 em países da Ásia, África, Europa e América do Sul, o que surge valorizado em cena é a potência de uma inteligência coletiva, popular e anônima, na busca por compreender e problematizar questões relativas à função da arte. “Queria dar voz a todas essas pessoas que passavam pelo meu caminho”, explica a performer durante a obra.

Para construir essa espécie de *documentação performativa* de sua experiência no espaço urbano, Tania Alice escolhe uma via avessa aos lugares tradicionais do teatral e do espetacular, o que já cria um potente tensionamento

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

com o próprio espaço do palco. Sua aposta é pelo formato da palestra-performance (também visto no Festivale nos monólogos “Afinação” e “Paixões da Alma”), que recorre ao uso do Power Point para exibir textos e imagens. Numa espécie de prólogo em que explica as razões do projeto, a performer narra os impasses com a arte e com o Brasil pós-Golpe de 2016, que a levaram a formular a seguinte pergunta: “O que você acha que o artista deve fazer hoje?”.

Em cena, Tania Alice e Rodrigo Maia dão suas versões singulares para aproximadamente 18 respostas a respeito da questão. Duas delas foram colhidas em São José dos Campos, primeira cidade brasileira a receber a performance. Dentre os autores dos depoimentos selecionados, aparecem pessoas das mais diferentes profissões, como artistas, estudantes, um político, uma produtora, um cozinheiro e um vendedor de carro.

Diversas são também as respostas, em cujas entrelinhas parece ecoar uma das discussões filosóficas mais antigas e controversas no campo da arte: aquela relativa à tensão entre sua autonomia e heteronomia. Ou seja, entre a ideia de arte desprovida de outra finalidade que não seja estética e aquela vinculada a algum fim específico - questão que ganha sempre relevância em contextos de crise.

A perspectiva heteronômica da arte estava presente, por exemplo, em respostas que associavam o artista ao imaginário de um prestador de serviços. Ganharam traduções divertidas as afirmações de que o artista deveria “oferecer comida” como modo de atrair espectadores ou de “levar cultura a quem não teve acesso a ela”. Ou, ainda, de fazer algo “para que as pessoas não fiquem deprimidas”. Tomadas em sua literalidade, as traduções performativas de Alice e Rodrigo, embora estivessem permeadas de humor, não pareciam buscar exatamente o riso do espectador, mas sobretudo uma interpretação que jogasse com os múltiplos sentidos das respostas dadas.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

Nessa mesma perspectiva heterônoma, era recorrente também a associação da arte a um mecanismo de denúncia, seja para “expor a condição da mulher” ou para “denunciar a situação política do país” sem temer retaliações. Ambas foram cenicamente exploradas com a ajuda da plateia. Nesta última, eram oferecidas máscaras e microfones para que espectadores se voluntariassem a denunciar em cena algum problema político do país; na primeira, as mulheres eram convidadas a dizer para algum homem da plateia algo que as incomodava – e eles deveriam apenas escutar, sem replicar.

A simplicidade do jogo proposto – pautado por uma dinâmica repetitiva, que tornava evidente sua própria regra – é interessante porque dá tempo ao espectador, o que aumenta o potencial reflexivo da proposta. Potencial esse reforçado ainda por imagens de militares nas favelas cariocas projetadas no fundo de cenas que brincavam com o imaginário romântico acerca da função da arte. Além disso, ao valorizar e subverter aquilo que a arte contemporânea muitas vezes rejeita – o senso comum – a performance chama atenção para um lugar mais antropológico da arte, vinculado ao modo como é compreendida socialmente a função do artista.

Por outro lado, as respostas que dialogavam com a ideia de autonomia da obra de arte buscavam ressaltar seu controverso caráter de “inutilidade”, seja para consagrá-la ou depreciá-la. Uma das raras respostas que projetou sobre o campo artístico um caráter negativo veio de um político português, que reiterou o conhecido discurso direitista, centrado em projetar o artista como quem “não faz nada” além de “aproveitar o dinheiro público”. Em resposta irônica, os artistas associaram o depoimento ao imaginário conservador do país, ao surgirem em cena com bandeiras do Brasil e camisetas da seleção brasileira. Já na resposta de uma produtora de São José dos Campos, a inutilidade da arte era vista como contraponto necessário e bem-vindo a uma vida “cheia de compromisso”, o que produz conotações distintas à noção de autonomia.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

Na mesma seara autônoma da arte, estariam as respostas que propunham a subversão do habitual. “O artista deve ser surreal, para mudar a perspectiva dos outros, ir além do cotidiano”, afirma uma das respostas. Para traduzir a sugestão, Tania e Rodrigo reproduziram, com a ajuda de uma moldura e um pedaço de pano, o famoso quadro “Os amantes”, do pintor surrealista René Magritte (1898-1967).

Também em diálogo com a história da arte do século XX, simularam em outra cena uma situação de “action painting” que fez lembrar as proposições do pintor estadunidense Jackson Pollock (1912-1956). A ação de pintarem mutuamente seus próprios corpos respondia imagetivamente à sugestão de que os artistas deveriam estar com “as mãos e o corpo cheios de tinta”.

Se inicialmente o caráter repetitivo da proposição colabora para projetar um distanciamento sobre o espectador, em alguns momentos se torna previsível. Em contraposição a esse caráter repetitivo, são potentes os momentos em que a lógica do jogo é quebrada. Por exemplo, na passagem em que Tania Alice expõe fotografias nas quais aparece fazendo a pergunta a animais diversos, como vacas e macacos.

Embora a dimensão intercontinental da proposta colabore para ampliar o leque sobre o que se entende por arte, em alguns momentos o tratamento dos diferentes contextos socioculturais corre o risco de repetir uma perspectiva “multicultural” que já foi alvo de diversas críticas. Exemplos disso são os diálogos com a cultura asiática e brasileira.

Na primeira, a resposta dada por uma indiana de que a arte deveria modificar o “lado interior” do próprio artista é traduzida por um imaginário estereotipado dessa cultura. Na cena, os performers simulam uma meditação, distribuem para o público cristais do “terceiro olho” da tradição hinduísta e colocam em cena incensos e estátuas de Buda. Ainda que haja ali uma brincadeira com o duplo sentido da resposta, parece necessário um cuidado

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

maior com o tratamento do imaginário oriental, tantas vezes estigmatizado pelo olhar do ocidente.

Já na resposta que encerra a performance, vinda de uma recepcionista francesa fã do forró brasileiro, aparece um imaginário *naïf* e cristalizado do país: “as coisas mais lindas sempre vêm dos países onde existem mais problemas, dos lugares onde nada funciona”, afirma. O perigo desse tipo de comentário consiste justamente em buscar “compensar” a agudez dos problemas sociais pela valorização da beleza e autenticidade da cultura popular.

Por outro lado, a cena final convida o espectador a ocupar o centro do palco em um grande baile de forró, assim como ocorre em diversas outras passagens da performance “Ensine-me a fazer arte”. Trata-se de momentos em que a valorização dessa produção de conhecimento coletiva e plural – presente no dispositivo criado por Alice – ganha corpo também no palco. É pelo encontro com o outro e na proposta de valorizar interlocutores anônimos que o trabalho ressalta a construção popular de saberes, avessa a hierarquias e especializações.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, crítica teatral e jornalista. É pós-doutoranda em Artes Cênicas na UFMG - onde atua como professora colaboradora - e concluiu seu doutorado na mesma área pela ECA/USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.